JORGE LUIS BORGES

elogio da sombra

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

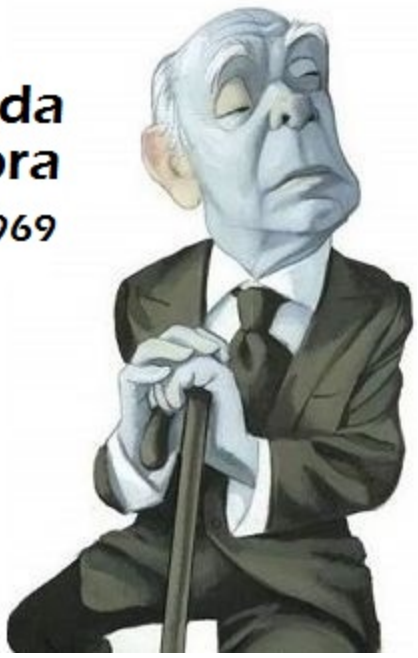
Converted by convertEPub

JORGE LUIS BORGES

1899-1986

elogio da sombra

1969



Tradução de Carlos Nejar e Alfredo Jacques

JORGE LUIS BORGES–OBRAS COMPLETAS
VOLUME II
1952-1972

Título do original em espanhol: Jorge Luis Borges - Obras Completas
Copyright © 1998 by Maria Kodama
Copyright © 1999 das traduções by Editora Globo S.A.
1ª Reimpressão-9/99 2ª Reimpressão-12/OO

Edição baseada em Jorge Luis Borges - Obras Completas,

publicada por Emecé Editores S.A., 1989, Barcelona - Espanha.

Coordenação editorial: Carlos V. Frias
Capa: Joseph Ubach / Emecé Editores

Ilustração: Alberto Cinpiak
Coordenação editorial da edição brasileira: Eliana Sá

Assessoria editorial: Jorge Schwartz

Revisão das traduções: Jorge Schwartz e Maria Carolina de Araujo

Preparação de originais: Maria Carolina de Araujo

Revisão de textos: Márcia Menin

Projeto gráfico: Alves e Miranda Editorial Ltda.

Fotolitos: AM Produções Gráficas Ltda.
Agradecimentos a Adria Frizzi, Ana Giménez, Christopher E Laferl, Edgardo Krebs, Élida Lois, Eliot Weinberger, Enrique Fierro, Francisco Achcar, Haroldo de Campos, Ida Vitale, José Antônio Arantes e Maite Celada

Direitos mundiais em língua portuguesa, para o Brasil, cedidos a

EDITORA GLOBO S.A.

Avenida Jaguaré, 1485

CEP O5346-9O2 - Tel.: 3767-7OOO, São Paulo, SP

e-mail: atendimento@edglobo.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.
Impressão e acabamento:

Gráfica Círculo

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte - Câmara Brasileira do Livro, SP
Borges, Jorge Luis, 1899-1986.
Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 2 / Jorge Luis Borges. - São Paulo : Globo, 2OOO.

Título original: Obras completas Jorge Luis Borges. Vários tradutores.
v. 1. 1923-1949 / v. 2.1952-1972 ISBN 85-25O-2877-O (v. 1) ISBN 85-25O-2878-9 (v. 2)

1. Ficção argentina 1. Título.

CDD-ar863.4
Índices para catálogo sistemático

1. Ficção : Século 2O : Literatura argentina ar863.4

1. Século 2O : Ficção : Literatura argentina ar863.4

ELOGIO DA SOMBRA

Elogio de la Sombra

Tradução de Carlos Nejar e Alfredo Jacques
Revisão de tradução: Maria Carolina de Araujo
e Jorge Schwartz

Índice

ELOGIO DA SOMBRA (1969)

Prólogo
João 1, 14
Heráclito
Cambridge
New England, 1967
James Joyce
The unending gift
Maio 20, 1928
Labirinto
O labirinto
Ricardo Güiraldes
O etnógrafo
A certa sombra, 1940
As coisas
Rubaiyat
Pedro Salvadores
A Israel
Israel
Junho, 1968
O guardião dos livros
Os gaúchos
Acevedo
Invocação a Joyce
Israel, 1969
Duas versões de *Ritter, Tod und Teufel*
Buenos Aires
Fragmentos de um evangelho apócrifo
Lenda
Uma oração
His end and his beginning

Um leitor
Elogio da sombra

Prólogo

Sem me propor isso a princípio, consagrei minha já longa vida às letras, à cátedra, ao ócio, às tranquilas aventuras do diálogo, à filologia, que ignoro, ao misterioso hábito de Buenos Aires e às perplexidades que não sem certa soberba se chamam metafísica. Tampouco faltou a minha vida a amizade de alguns, que é o que importa. Creio não ter um único inimigo ou, se os tive, nunca fui informado disso. A verdade é que ninguém pode ferir-nos, salvo aqueles que amamos. Agora, aos setenta anos de minha idade (a frase é de Whitman), dou ao prelo este quinto livro de versos.

Carlos Frías sugeriu-me que aproveitasse o prólogo para uma declaração de minha estética. Minha pobreza, minha vontade opõem-se a esse conselho. Não sou possuidor de uma estética. O tempo ensinou-me algumas astúcias: evitar os sinônimos, que têm a desvantagem de sugerir diferenças imaginárias; evitar hispanismos, argentinismos, arcaísmos e neologismos; preferir as palavras habituais às palavras assombrosas; intercalar em um relato traços circunstanciais, exigidos agora pelo leitor; simular pequenas incertezas, já que, se a realidade é precisa, a memória não o é; narrar os fatos (isto aprendi em Kipling e nas sagas da Islândia) como se não os entendesse totalmente; lembrar que as normas anteriores não são obrigações e que o tempo se encarregará de aboli-las. Tais astúcias ou hábitos não configuram certamente uma estética. Além do mais, descreio das estéticas. Em geral não passam de abstrações inúteis; variam em cada escritor e ainda em cada texto e não podem ser outra coisa que estímulos ou instrumentos ocasionais.

Este, escrevi, é meu quinto livro de versos. É razoável presumir que não será melhor ou pior que os outros. Aos

espelhos, labirintos e espadas que já prevê meu resignado leitor acrescentaram-se dois temas novos: a velhice e a ética. Esta, segundo se sabe, nunca deixou de preocupar certo amigo muito querido que a literatura me deu, Robert Louis Stevenson. Lima das virtudes pelas quais prefiro as nações protestantes às de tradição católica é seu cuidado com a ética. Milton queria educar os meninos de sua academia no conhecimento da física, das matemáticas, da astronomia e das ciências naturais; o doutor Johnson observaria, ao mediar o século XVIII: "A prudência e a justiça são preeminências e virtudes que correspondem a todas as épocas e a todos os lugares; somos perpetuamente moralistas e só às vezes geômetras".

Nestas páginas convivem, creio que sem discórdia, as formas da prosa e do verso. Poderia invocar antecedentes ilustres — o De Consolatione *, de Boécio, os contos de Chaucer, o* Livro das Mil e Uma Noites *; prefiro esclarecer que essas divergências me parecem acidentais e que desejaria que este livro fosse lido como um livro de versos. Um volume, em si, não é um fato estético, é um objeto físico entre outros; o fato estético só pode ocorrer quando o escrevem ou o leem. É comum afirmar que o verso livre não é senão um simulacro tipográfico; penso que nessa afirmação se espreita um erro. Além de seu ritmo, a forma tipográfica do versículo serve para anunciar ao leitor que a emoção poética, não a informação ou o raciocínio, é o que o está esperando. Desejei certa vez o vasto alento dos* psalmos1 *ou de Walt Whitman; depois de anos comprovo, não sem melancolia, que me limitei a alternar alguns metros clássicos: o alexandrino, o hendecasst7abo, o heptassílabo.*

Em alguma milonga tentei imitar, respeitosamente, a florida coragem de Ascasubi e das coplas dos bairros.

A poesia não é menos misteriosa que os outros elementos do orbe. Tal ou qual verso afortunado não

pode envaidecer-nos, porque é dom do Acaso ou do Espírito; só os erros são nossos. Espero que o leitor descubra em minhas páginas algo que possa merecer sua memória; neste mundo a beleza é comum.

J. L. B.

Buenos Aires, 24 de junho de 1969.

---

1 Deliberadamente escrevo psalmos*. Os indivíduos da Real Academia Espanhola querem impor a este continente suas incapacidades fonéticas; aconselham-nos o emprego de formas rústicas:* neuma*,* sicología*,* síquico*. Ultimamente ocorreu-lhes escrever vikingo por viking. Suspeito que em breve ouviremos falar da obra de Kiplingo.*

João 1,14

Não será menos enigmática esta página
que as de Meus livros sagrados nem aquelas outras que repetem
as bocas ignorantes,
por julgá-las de um homem, não espelhos
obscuros do Espírito.
Eu que sou o É, o Foi e o Será
torno a condescender com a linguagem,
que é tempo sucessivo e emblema.
Quem brinca com um menino brinca com algo
próximo e misterioso;
eu quis brincar com Meus filhos.
Estive entre eles com assombro e ternura.
Por obra de magia nasci
curiosamente de um ventre.
Vivi enfeitiçado, encarcerado num corpo
e na humildade de uma alma.
Conheci a memória,
essa moeda que não é nunca a mesma.
Conheci a esperança e o temor,
esses dois rostos do incerto futuro.
Conheci a vigília, o sono, os sonhos, a ignorância, a carne,
os torpes labirintos da razão, a amizade dos homens,
a misteriosa devoção dos cães.
Fui amado, compreendido, louvado e pendi de uma cruz.
Bebi o cálice até as fezes.
Vi por Meus olhos o que nunca havia visto:
a noite e suas estrelas.
Conheci o polido, o arenoso, o díspar, o áspero,
o sabor do mel e da maçã,
a água na garganta da sede,

o peso de um metal na palma,
a voz humana, o rumor de uns passos sobre a relva,
o odor da chuva na Galileia,
o alto grito dos pássaros.
Conheci também a amargura.
Encomendei esta escrita a um homem qualquer;
nunca será o que desejo dizer,
não deixará de ser seu reflexo.
De Minha eternidade caem estes signos.
Que outro, não o que é agora seu amanuense, escreva o poema.
Amanhã serei um tigre entre os tigres
e predicarei Minha lei a sua selva,
ou uma grande árvore na Ásia.
Às vezes penso com nostalgia
no odor dessa carpintaria.

Heráclito

O segundo crepúsculo.
A noite que mergulha no sono.
A purificação e o esquecimento.
O primeiro crepúsculo.
A manhã que foi a aurora.
O dia que foi a manhã.
O dia numeroso que será a tarde desgastada.
O segundo crepúsculo.
Esse outro hábito do tempo, a noite.
A purificação e o esquecimento.
O primeiro crepúsculo...
A aurora sigilosa e na aurora
a inquietude do grego.
Que trama é esta
do será, do é e do foi?
Que rio é este
pelo qual flui o Ganges?
Que rio é este cuja fonte é inconcebível?
Que rio é este
que arrasta mitologias e espadas?
É inútil que durma.
Corre no sonho, no deserto, num porão.
O rio me arrebata e sou esse rio.
De matéria perecível fui feito, de misterioso tempo.
Talvez o manancial esteja em mim.
Talvez de minha sombra,
fatais e ilusórios, surjam os dias.

Cambridge

Nova Inglaterra e a manhã.
Dobro por Craigie.
Penso (já pensei)
que o nome Craigie é escocês e que a palavra *crag* é de origem celta.
Penso (já pensei)
que neste inverno estão os antigos invernos
dos quais deixaram escrito
que o caminho está prefixado e que já somos do Amor ou do Fogo.
A neve e a manhã e os muros vermelhos
podem ser formas da felicidade,
mas eu venho de outras cidades
onde as cores são pálidas,
e nelas uma mulher, ao cair da tarde,
regará as plantas do pátio.
Alço os olhos para perdê-los no ubíquo azul.
Ao longe estão as árvores de Longfellow
e o adormecido rio incessante.
Ninguém nas ruas, mas não é um domingo.
Não é uma segunda-feira,
o dia que nos depara a ilusão de começar.
Não é uma terça-feira,
o dia que preside o planeta rubro.
Não é uma quarta-feira,
o dia daquele deus dos labirintos
que no Norte foi Odin.
Não é uma quinta-feira,
o dia que já se resigna ao domingo.
Não é uma sexta-feira,
o dia regido pela divindade que nas selvas
os corpos dos amantes entretece.

Não é um sábado.
Não está no tempo sucessivo,
mas nos reinos espectrais da memória.
Como nos sonhos,
atrás das altas portas não há nada,
nem sequer o vazio.
Como nos sonhos,
atrás do rosto que nos contempla não há ninguém.
Anverso sem reverso,
moeda de uma única efígie, as coisas.
Essas misérias são os bens
que o precipitado tempo nos deixa.
Somos nossa memória,
somos esse quimérico museu de formas inconstantes,
essa pilha de espelhos rotos.

New England, 1967

Mudaram as formas de meu sonho;
agora são laterais casas vermelhas
e o delicado bronze das folhas
e o casto inverno e o piedoso lenho.
Como no dia sétimo, a terra
é boa. Nos crepúsculos persiste
algo que apenas é, ousado e triste,
um antigo rumor de Bíblia e guerra.
Logo (dizem-nos) chegará a neve
e a América me espera em cada esquina,
mas sinto na tarde que declina
o hoje tão lento e o ontem tão breve.
Buenos Aires, eu continuo caminhando
por tuas esquinas, sem por que nem quando.

Cambridge, 1967.

James Joyce

Em um dia do homem estão os dias
do tempo, desde o inconcebível
dia inicial do tempo, em que um terrível
Deus prefixou os dias e agonias,
até aquele outro em que o ubíquo rio
do tempo terrenal torne a sua fonte,
que é o Eterno, e se apague no presente,
no futuro, no passado o que agora é meu.
Entre a aurora e a noite está a história
universal. Do fundo da noite vejo
a meus pés os caminhos do hebreu,
Cartago aniquilada, Inferno e Glória.
Dá-me, Senhor, coragem e alegria
para escalar o cume deste dia.

Cambridge, 1968.

The unending gift

Um pintor prometeu-nos um quadro.

Agora, em New England, sei que morreu. Senti, como outras vezes, a tristeza de compreender que somos como um sonho.

Pensei no homem e no quadro perdidos.

(Só os deuses podem prometer, porque são imortais.)

Pensei em um lugar prefixado que a tela não ocupará.

Pensei depois: se estivesse aí, seria com o tempo uma coisa mais, uma coisa, uma das vaidades ou hábitos da casa; agora é ilimitada, incessante, capaz de qualquer forma e qualquer cor e a ninguém vinculada.

Existe de algum modo. Viverá e crescerá como uma música e estará comigo até o fim. Obrigado, Jorge Larco.

(Também os homens podem prometer, porque na promessa há algo imortal.)

Maio 20, 1928

Agora é invulnerável como os deuses.

Nada na terra pode feri-lo, nem o desamor de uma mulher, nem a tísica, nem as ansiedades do verso, nem essa coisa branca, a lua, que já não tem de fixar em palavras.

Caminha lentamente sob as tílias; olha as balaustradas e as portas, não para lembrá-las.

Já sabe quantas noites e quantas manhãs lhe faltam.

Sua vontade lhe impôs uma disciplina precisa. Executará determinados atos, atravessará previstas esquinas, tocará em uma árvore ou em uma grade, para que o futuro seja tão irrevogável como o passado.

Age dessa maneira para que o fato que deseja e que teme outra coisa não seja que o termo final de uma série.

Caminha pela rua 49; pensa que nunca atravessará este ou aquele pátio lateral.

Sem que suspeitassem, já se despedira de muitos amigos.

Pensa no que nunca saberá, se o dia seguinte será um dia de chuva.

Passa por um conhecido e lhe faz uma brincadeira.

Sabe que esse episódio será, durante certo tempo, mera lembrança.

Agora é invulnerável como os mortos.

Na hora fixada, subirá por alguns degraus de mármore. (Isto perdurará na memória de outros.)

Descerá ao lavatório; no piso axadrezado a água apagará rapidamente o sangue. O espelho o aguarda.

Ajeitará o cabelo, ajustará o nó da gravata (sempre foi um pouco dândi, como condiz a um jovem poeta) e procurará imaginar que o outro, o do cristal, executa os atos e que ele, seu duplo, repete-os. A mão não lhe

tremerá quando ocorrer o último gesto. Docilmente, magicamente, já terá encostado a arma contra a têmpora.

Assim, creio, aconteceram as coisas.

Labirinto

Não haverá nunca uma porta. Estás dentro
E o alcácer abarca o universo
E não tem nem anverso nem reverso
Nem externo muro nem secreto centro.
Não esperes que o rigor de teu caminho
Que teimosamente se bifurca em outro,
Que teimosamente se bifurca em outro,
Tenha fim. É de ferro teu destino
Como teu juiz. Não aguardes a investida
Do touro que é um homem e cuja estranha
Forma plural dá horror à maranha
De interminável pedra entretecida.
Não existe. Nada esperes. Nem sequer
A fera, no negro entardecer.

O labirinto

Zeus não poderia desatar as redes
de pedra que me cercam. Olvidei
os homens que antes fui; sigo pelo odiado
caminho de monótonas paredes
que é meu destino. Retas galerias
que se curvam em círculos secretos
depois de anos. Parapeitos
que gretou a usura dos dias.
No pálido pó tenho decifrado
rastros que temo. Chega-me pelo ar trazido
nas côncavas tardes um bramido
ou o eco de um bramido desolado.
Sei que na sombra há Outro, cuja sorte
é fatigar as longas soledades
que tecem e destecem este Hades
e ansiar meu sangue e devorar minha morte.
Buscamo-nos os dois. Quem dera fosse
este o último dia da espera.

Ricardo Güiraldes

Ninguém poderá esquecer-lhe a cortesia;
Era a não procurada, a primeira
Forma de sua bondade, a verdadeira
Cifra de uma alma clara como o dia.
Não hei de esquecer tampouco a bizarra
Serenidade, o fino rosto forte,
As luzes da glória e da morte,
A mão interrogando a guitarra.
Como no puro sonho de um espelho
(Tu és a realidade, eu seu reflexo)
Vejo-te conversando conosco
Em Quintana. Aí estás, mágico e morto.
Agora, Ricardo, teu é o aberto
Campo de ontem, a alba dos potros.

O etnógrafo

O caso foi-me narrado no Texas, mas acontecera em outro Estado. Conta com um único protagonista, salvo que em toda a história os protagonistas são milhares, visíveis e invisíveis, vivos e mortos. Chamava-se, creio, Fred Murdock. Era alto ao estilo americano, nem louro nem moreno, com perfil de machado, de muito poucas palavras. Nada singular havia nele, nem sequer essa fingida singularidade que é própria dos jovens. Naturalmente respeitoso, não desacreditava dos livros nem dos que escrevem os livros. Sua idade era essa em que o homem não sabe ainda quem é e está disposto a se entregar ao que lhe propõe a sorte: a mística do persa ou a desconhecida origem do húngaro, as aventuras da guerra ou da álgebra, o puritanismo ou a orgia. Na universidade aconselharam-lhe o estudo das línguas indígenas. Há ritos esotéricos que perduram em certas tribos do Oeste; seu professor, um homem idoso, propôs-lhe que fizesse sua morada em uma reserva, que observasse os ritos e que descobrisse o segredo que os feiticeiros revelam ao iniciado. Na volta, redigiria uma tese que as autoridades do instituto dariam a lume. Murdock aceitou com alacridade. Um de seus antepassados morrera nas guerras da fronteira; essa antiga discórdia de suas estirpes era agora um vínculo. Previu, sem dúvida, as dificuldades que o aguardavam, tinha de conseguir que os homens vermelhos o acolhessem como um dos seus. Empreendeu a longa aventura. Mais de dois anos viveu na pradaria, entre paredes de adobe ou à intempérie. Levantava-se antes da aurora, deitava-se ao anoitecer, chegou a sonhar em um idioma que não era o de seus pais. Habituou seu paladar a sabores ásperos, cobriu-se com roupas

estranhas, esqueceu os amigos e a cidade, chegou a pensar de uma maneira que sua lógica refutava. Durante os primeiros meses de aprendizado tomava notas sigilosas, que rasgaria depois, talvez para não despertar a suspicácia dos outros, talvez porque já não as precisasse. Ao término de um prazo prefixado por certos exercícios de índole moral e de índole física, o sacerdote ordenou-lhe que fosse relembrando seus sonhos e que os confiasse a ele ao clarear o dia. Comprovou que nas noites de lua cheia sonhava com bisões. Confiou esses sonhos repetidos a seu mestre; este acabou por revelar-lhe sua doutrina secreta. Uma manhã, sem despedir-se de ninguém, Murdock partiu.

Na cidade, sentiu saudades daquelas tardes iniciais na planície em que sentira, fazia tempo, saudades da cidade. Dirigiu-se ao gabinete do professor e lhe disse que sabia o segredo e que resolvera não revelá-lo.

— Seu juramento o impede? — perguntou o outro.

— Não é essa minha razão — falou Murdock. — Naquelas lonjuras aprendi algo que não posso dizer.

— Talvez o idioma inglês seja insuficiente? — observaria o outro.

— Nada disso, meu senhor. Agora que possuo o segredo, poderia enunciá-

lo de cem modos diferentes e até contraditórios. Não sei muito bem como lhe dizer que o segredo é precioso e que agora a ciência, nossa ciência, parece-me simples frivolidade.

Acrescentou ao fim de uma pausa: — O segredo, ademais, não vale o que valem os caminhos que a ele me conduziram. Esses caminhos devem ser trilhados.

O professor disse-lhe com frieza: — Comunicarei sua decisão ao Conselho. O senhor pensa viver entre os índios?

Murdock respondeu-lhe: — Não. Talvez não volte à pradaria. O que me ensinaram seus homens vale para

qualquer lugar e para qualquer circunstância.

Tal foi, em essência, o diálogo.

Fred casou-se, divorciou-se e é agora um dos bibliotecários de Yale.

A certa sombra, 1940

Que não profanem teu sagrado solo, Inglaterra,
O javali alemão e a hiena italiana.
Ilha de Shakespeare, que teus filhos te salvem
E também tuas sombras gloriosas.
Nesta margem ulterior dos mares
Invoco-as e acodem,
Do inumerável passado,
Com altas mitras e coroas de ferro,
Com Bíblias, com espadas, com remos,
Com âncoras e com arcos.
Pairam sobre mim na alta noite
Propícia à retórica e à magia
E procuro a mais tênue, a inconsistente,
E lhe advirto: oh, amigo,
O continente hostil apresta-se com armas
A invadir tua Inglaterra,
Como nos dias em que sofreste e cantaste.
Por mar, por terra, pelo ar convergem os exércitos.
Torna a sonhar, De Quincey.
Tece para baluarte de tua ilha
Redes de pesadelos.
Que por seus labirintos de tempo
Errem sem fim os que odeiam.
Que sua noite se meça por centúrias, por eras, por pirâmides,
Que as armas sejam pó, pó os rostos,
Que nos salvem agora as indecifráveis arquiteturas
Que causaram horror a teu sonho.
Irmão da noite, bebedor de ópio,
Pai de sinuosos períodos que já são labirintos e torres,
Pai das palavras que não se esquecem,
Ouves-me, amigo não contemplado, ouves-me

Através dessas coisas insondáveis
Que são os mares e a morte?

As coisas

A bengala, as moedas, o chaveiro,
A dócil fechadura, as tardias
Notas que não lerão os poucos dias
Que me restam, os naipes e o tabuleiro,
Um livro e em suas páginas a desvanecida
Violeta, monumento de uma tarde
Sem dúvida inesquecível e já esquecida,
O rubro espelho ocidental em que arde
Uma ilusória aurora. Quantas coisas,
Limas, umbrais, atlas, taças, cravos,
Servem-nos, como tácitos escravos,
Cegas e estranhamente sigilosas!
Durarão para além de nosso esquecimento;
Nunca saberão que partimos em um momento.

Rubaiyat

Volte em minha voz a métrica do persa
A recordar que o tempo é a diversa
Trama de sonhos ávidos que somos
E que o secreto Sonhador dispersa.

Volte a afirmar que é a cinza o fogo,
A carne o pó, o rio o fugidio
Reflexo de tua vida e de minha vida
Que lentamente se nos esvai logo.

Volte a afirmar que o árduo monumento
Que constrói a soberba é como o vento
Que passa e que, à luz inconcebível
De Quem perdura, um século é um momento.

Volte a advertir que o rouxinol de ouro
Canta uma única vez no sonoro
Ápice da noite e que os astros
Avaros não prodigam seu tesouro.

Volte a lua ao verso que tua mão
Escreve como transforma no temporão
Azul o teu jardim. A mesma lua
Desse jardim há de procurar-te em vão.

Sejam sob a lua das ternas
Tardes teu humilde exemplo as cisternas,
Em cujo espelho de água se repetem
Umas poucas imagens eternas.

Que a lua do persa e os incertos
Ouros dos crepúsculos desertos

Voltem. Hoje é ontem. És os outros
Cujo rosto é o pó. És os mortos.

Pedro Salvadores

A Juan Murchison

Quero deixar escrito, talvez pela primeira vez, um dos fatos mais estranhos e mais tristes de nossa história. Intervir o menos possível em sua narrativa, prescindir de adições pitorescas e de conjeturas infundadas é, parece-me, a melhor maneira de fazê-lo.

Um homem, uma mulher e a vasta sombra de um ditador são os três personagens. O homem chamava-se Pedro Salvadores; meu avô Acevedo viu-o, dias ou semanas depois da batalha de Caseros. Pedro Salvadores não diferia, talvez, do comum das pessoas, porém seu destino e os anos o fizeram único.

Seria um senhor como tantos outros de sua época. Possuiria (é possível supor) um estabelecimento no campo e era unitário. O sobrenome de sua mulher era Planes; os dois viviam na rua Suipacha, não longe da esquina do Temple. A casa em que os fatos ocorreram seria igual às outras: a porta da rua, o vestíbulo, a porta-cancela, os aposentos, a profundidade dos pátios. Uma noite, por volta de 1842, ouviram o crescente e surdo rumor dos cascos dos cavalos na rua de terra e os vivas e morras dos ginetes. Os membros da Mazorca, desta vez, não passaram ao largo. À gritaria sucederam os repetidos golpes; enquanto os homens derrubavam a porta, Salvadores pôde afastar a mesa da sala de jantar, levantar o tapete e esconder-se no porão. A mulher repôs a mesa no lugar. A Mazorca irrompeu; vinham para levar Salvadores. A mulher declarou que este tinha fugido para Montevidéu. Não acreditaram; açoitaram-na, quebraram toda a louça azul, revistaram a casa, mas não lhes

ocorreu erguer o tapete. À meia-noite foram embora, não sem antes terem jurado voltar.

Aqui começa verdadeiramente a história de Pedro Salvadores. Viveu nove anos no porão. Por mais que afirmemos a nós mesmos que os anos são feitos de dias e os dias de horas e que nove anos é um termo abstrato e uma soma impossível, esta história é atroz. Suspeito que, na sombra que seus olhos aprenderam a decifrar, não pensava em nada, nem sequer em seu ódio nem em seu perigo. Estava aí, no porão. Alguns ecos daquele mundo que lhe estava vedado lhe chegariam de cima: os passos habituais de sua mulher, o baque do bocal do poço e do balde, a pesada chuva no pátio. De resto, cada dia podia ser o último.

A mulher foi despedindo a criadagem, que era capaz de delatá-los. Disse a todos os seus que Salvadores se encontrava na Banda Oriental. Ganhou o pão dos dois, costurando para o exército. No decurso dos anos teve dois filhos; a família a repudiou, atribuindo-os a um amante. Depois da queda do tirano, pediram-lhe perdão, de joelhos.

O que foi, quem foi Pedro Salvadores? Encarceraram-no o terror, o amor, a invisível presença de Buenos Aires e, finalmente, o hábito? Para que ele não a deixasse só, sua mulher lhe daria incertas notícias de conspirações e vitórias.

É possível que fosse covarde e a mulher lealmente lhe escondeu que sabia disso. Imagino-o em seu porão, talvez sem um candeeiro, sem um livro. A sombra o mergulharia no sono. Sonharia, a princípio, com a noite tremenda em que o aço procurava a garganta, com as ruas abertas, com a planície. Anos mais tarde, não poderia fugir e sonharia com o porão. Seria, no começo, um acossado, um ameaçado; depois, não saberemos nunca, um animal tranquilo em sua toca ou uma espécie de obscura divindade.

Tudo isso até aquele dia de verão de 1852 em que Rosas fugiu. Foi então que o homem secreto saiu à luz do dia; meu avô falou com ele. Balofo e obeso, estava da cor da cera e não falava em voz alta. Nunca lhe restituíram os campos que lhe foram confiscados; creio que morreu na miséria.

Como todas as coisas, o destino de Pedro Salvadores parece-nos um símbolo de algo que estamos a ponto de compreender.

A Israel

Quem me dirá se estás nos perdidos
Labirintos de rios seculares
De meu sangue, Israel? Quem, os lugares
Por meu sangue e teu sangue percorridos?
Não importa. Sei que estás no sagrado
Livro que abarca o tempo e que a história
Do rubro Adão resgata e na memória
E agonia do Crucificado.
Nesse livro estás, que é o reflexo
De cada rosto que sobre ele se inclina
E do rosto de Deus, que, em seu complexo
E árduo cristal, terrível se adivinha.
Salve, Israel, que guardas a muralha
De Deus, na paixão de tua batalha.

Israel

Um homem prisioneiro e enfeitiçado,
um homem condenado a ser a serpente
que guarda um ouro infame,
um homem condenado a ser Shylock,
um homem que se inclina sobre a terra
e que sabe que esteve no Paraíso,
um homem velho e cego que há de quebrar
as colunas do templo,
um rosto condenado a ser máscara,
um homem que apesar dos homens
é Spinoza e o Baal Shem e os cabalistas,
um homem que é o Livro,
uma boca que louva do abismo
a justiça do firmamento,
um procurador ou um dentista
que dialogou com Deus em uma montanha,
um homem condenado a ser o escárnio,
a abominação, o judeu,
um homem lapidado, incendiado
e afogado em câmaras letais,
um homem que teima em ser imortal
e que agora voltou a sua batalha,
à violenta luz da vitória,
belo como um leão ao meio-dia.

Junho, 1968

Na tarde de ouro
ou numa serenidade cujo símbolo
poderia ser a tarde de ouro,
o homem dispõe os livros
nas prateleiras que aguardam
e sente o pergaminho, o couro, a tela
e o prazer que dão
a previsão de um hábito
e o estabelecimento de uma ordem.
Stevenson e outro escocês, Andrew Lang,
reatarão aqui, magicamente,
a lenta discussão que interromperam
os mares e a morte
e a Reyes não desagradará decerto
a proximidade de Virgílio.
(Ordenar bibliotecas é exercer,
de modo silencioso e modesto,
a arte da crítica.)
O homem, que está cego,
sabe que já não poderá decifrar
os belos volumes que manuseia
e que não o ajudarão a escrever
o livro que o justificará perante os outros,
mas na tarde que é talvez de ouro
sorri perante o curioso destino
e sente essa felicidade peculiar
das velhas coisas amadas.

O guardião dos livros

Aí estão os jardins, os templos e a justificativa dos templos,
A exata música e as exatas palavras,
Os sessenta e quatro hexagramas,
Os ritos que são a única sabedoria
Que outorga o Firmamento aos homens,
O decoro daquele imperador
Cuja serenidade foi refletida pelo mundo, seu espelho,
De sorte que os campos davam seus frutos
E as torrentes respeitavam suas margens,
O unicórnio ferido que regressa para marcar o fim,
As secretas leis eternas,
O concerto do orbe;
Essas coisas ou sua memória estão nos livros
Que custodio na torre.

Os tártaros vieram do Norte
Em crinados potros pequenos;
Aniquilaram os exércitos
Que o Filho do Céu mandou para castigar sua impiedade,
Ergueram pirâmides de fogo e cortaram gargantas,
Mataram o perverso e o justo,
Mataram o escravo acorrentado que vigiava a porta,
Usaram e esqueceram as mulheres
E seguiram para o Sul,
Inocentes como animais carnívoros,
Cruéis como facas.
Na aurora dúbia,
O pai de meu pai salvou os livros.
Aqui estão na torre onde jazo,

Recordando os dias que foram de outros,
Os alheios e antigos.

Em meus olhos não há dias. As prateleiras
Estão muito altas e não as alcançam meus anos.
Léguas de pó e sonho cercam a torre.
Por que me enganar?
A verdade é que nunca soube ler,
Mas me consolo pensando
Que o imaginado e o passado já são o mesmo
Para um homem que foi
E que contempla o que foi a cidade
E agora volta a ser o deserto.
O que me impede sonhar que alguma vez
Decifrei a sabedoria
E desenhei com aplicada mão os símbolos?
Meu nome é Hsiang. Sou quem custodia os livros,
Que talvez sejam os últimos,
Porque nada sabemos do Império
E do Filho do Céu.
Aí estão nas altas estantes,
Ao mesmo tempo próximos e distantes,
Secretos e visíveis como os astros.
Aí estão os jardins, os templos.

Os gaúchos

Quem lhes teria dito que seus antepassados vieram por um mar, quem lhes teria dito o que são um mar e suas águas.

Mestiços do sangue do homem branco menosprezaram-no; mestiços do sangue do homem vermelho foram seus inimigos.

Muitos não terão ouvido jamais a palavra gaúcho, ou a terão ouvido como injúria.

Aprenderam os caminhos das estrelas, os hábitos do ar e do pássaro, as profecias das nuvens do Sul e da lua com um halo.

Foram pastores do rebanho bravio, firmes no cavalo do deserto que domaram essa manhã, laçadores, marcadores, tropeiros, homens da partida policial, às vezes matreiros; um, o escutado, foi o cantador.

Cantava sem pressa, porque a aurora tarda a clarear, e não alçava a voz.

Havia peões tigreiros; protegido pelo poncho o braço esquerdo, o direito sumia a faca no ventre do animal, arremetente e alto.

O diálogo pausado, o mate e o baralho foram as formas de seu tempo.

Ao contrário de outros camponeses, eram capazes de ironia.

Eram sofridos, castos e pobres. A hospitalidade foi sua festa.

Uma noite os perdeu o briguento álcool dos sábados.

Morriam e matavam com inocência.

Não eram devotos, fora certa obscura superstição, mas a dura vida ensinou-lhes o culto da coragem.

Homens da cidade inventaram-lhes um dialeto e uma poesia de metáforas rústicas.

Certamente não foram aventureiros, mas uma tropa levava-os muito longe e mais longe as guerras.

Não legaram à história um único caudilho. Foram homens de López, de Ramírez, de Artigas, de Quiroga, de Bustos, de Pedro Campbell, de Rosas, de Urquiza, daquele Ricardo López Jordán que mandou matar Urquiza, de Peñaloza e de Saravia.

Não morreram por essa coisa abstrata, a pátria, mas por um patrão casual, uma ira ou pelo convite a um perigo.

Sua cinza está perdida em remotas regiões do continente, em repúblicas de cuja história nada souberam, em campos de batalha, hoje famosos.

Hilario Ascasubi viu-os cantando e combatendo.

Viveram seu destino como em um sonho, sem saber quem eram ou o que eram.

O mesmo acontece, talvez, conosco.

Acevedo

Campos de meus avós e que guardam
Ainda o nome de Acevedo, o nosso,
Indefinidos campos que não posso
Imaginar por inteiro. Meus anos tardam
E não contemplei ainda essas cansadas
Léguas de pó e pátria que meus mortos
Viram cavalgando, esses abertos
Caminhos, seus ocasos e alvoradas.
A planície é ubíqua. Tenho-os visto
Em Iowa, no Sul, em terra hebreia,
Naquele salgueiral da Galileia
Que palmilharam os humanos pés de Cristo.
Não os perdi. São meus. Eu os detenho
No esquecimento, num casual empenho.

Invocação a Joyce

Dispersos em dispersas capitais,
solitários e muitos,
brincávamos de ser o primeiro Adão
que deu nome às coisas.
Pelos vastos declives da noite
que lindam com a aurora,
procuramos (lembro ainda)
as palavras da lua, da morte, da manhã
e dos outros hábitos do homem.
Fomos o imagismo, o cubismo,
os conventículos e seitas
que as crédulas universidades veneram.
Inventamos a falta de pontuação,
a omissão de maiúsculas,
as estrofes em forma de pomba
dos bibliotecários de Alexandria.
Cinza, a faina de nossas mãos
e um fogo ardente, nossa fé.
Tu, enquanto forjavas
nas cidades do desterro,
naquele desterro que foi
teu detestado e escolhido instrumento,
a arma de tua arte,
construías teus árduos labirintos,
infinitesimais e infinitos,
admiravelmente mesquinhos,
mais populosos que a história.
Morreremos sem ter divisado
a biforme fera ou a rosa
que são o centro de teu dédalo,
mas a memória tem seus talismãs,
seus ecos de Virgílio,

e assim nas ruas da noite perduram
teus infernos esplêndidos,
tantas cadências e metáforas tuas,
os ouros de tua sombra.
Que importa nossa covardia se há na terra
um único homem valente,
que importa a tristeza se houve no tempo
alguém que se disse feliz,
que importa minha perdida geração,
esse indefinido espelho,
se teus livros a justificam.
Eu sou os outros. Eu sou todos aqueles
que teu rigor obstinado resgatou.
Sou os que não conheces e os que salvas.

Israel, 1969

Temi que em Israel espreitaria
com doçura insidiosa
a nostalgia que as diásporas seculares
acumularam como um triste tesouro
nas cidades do infiel, nas judiarias,
nos ocasos da estepe, nos sonhos,
a nostalgia daqueles que te desejaram,
Jerusalém, junto às águas da Babilônia.
Que outra coisa eras, Israel, senão essa nostalgia,
senão essa vontade de salvar,
entre as inconstantes formas do tempo,
teu velho livro mágico, tuas liturgias,
tua solidão com Deus?
Não foi assim. A mais antiga das nações
é também a mais jovem.
Não tentaste os homens com jardins,
com o ouro e seu tédio,
mas com o rigor, terra última.
Israel lhes disse sem palavras:
esquecerás quem és.
Esquecerás o outro que deixaste.
Esquecerás quem foste nas terras
que te deram suas tardes e suas manhãs
e às quais não darás tua nostalgia.
Esquecerás a língua de teus pais e aprenderás a língua do Paraíso.
Serás um israelense, serás um soldado.
Edificarás a pátria com lodaçais e a erguerás com desertos.
Trabalhará contigo teu irmão, cujo rosto não viste nunca.
Uma única coisa te prometemos:

teu posto na batalha.

Duas versões de *Ritter, Tod und Teufel*

I

Sob o elmo quimérico o severo
Perfil é cruel como a cruel espada
Que aguarda. Pela selva despojada
Cavalga imperturbável o cavaleiro.
Torpe e furtiva, essa obscena súcia
Cercou-o: o Demônio de servis
Olhos, os labirínticos reptis
E o branco ancião do relógio de areia.
Cavaleiro de ferro, quem te mira
Sabe que em ti não mora a mentira
Nem o pálido temor. Tua dura sorte
É mandar e ultrajar. És valente
E não serás indigno certamente,
Alemão, do Demônio e da Morte.

II

Os caminhos são dois. O daquele homem
De ferro e de soberba, e que cavalga,
Firme em sua fé, pela dúbia selva
Do mundo, entre o escárnio e a dança
Imóvel do Demônio e da Morte,
E o outro, o breve, o meu. Em que desvanecida
Noite ou manhã antiga descobriram
Meus olhos a fantástica epopeia,
O perdurável sonho de Dürer,
O herói e a caterva de suas sombras
Que me procuram, me espreitam e me encontram?
A mim, não ao paladino, exorta o branco

Ancião coroado de sinuosas
Serpentes. A clepsidra sucessiva
Mede meu tempo, não seu eterno agora.
Eu serei a cinza e a trevas
Eu, que parti depois, terei alcançado
Meu término mortal; tu, que não és,
Tu, cavaleiro da reta espada
E da selva rígida, teu passo,
Prosseguirás enquanto os homens durarem.
Imperturbável, imaginário, eterno.

Buenos Aires

O que será Buenos Aires?

É a Plaza de Mayo a que tornaram, depois de ter guerreado no continente, homens cansados e felizes.

É o dédalo crescente de luzes que divisamos do avião e sob o qual estão a soteia, a calçada, o último pátio, as coisas quietas.

É o paredão de La Recoleta contra o qual morreu; executado, um de meus antepassados.

É uma grande árvore da rua Junín que, sem saber, nos depara sombra e frescor.

É uma longa rua de casas baixas que perde e transfigura o poente.

É a Doca Sul da qual zarpavam o Saturno e o Cosmos.

É a calçada de Quintana onde meu pai, que estivera cego, chorou, porque via as antigas estrelas.

É uma porta numerada atrás da qual, na escuridão, passei dez dias e dez noites, imóvel, dias e noites que são na memória um instante.

É o ginete de pesado metal que projeta do alto sua série cíclica de sombras.

É o mesmo ginete sob a chuva.

É uma esquina da rua Peru, naquela que Julio César Dabove nos disse que o pior pecado que pode cometer um homem é gerar um filho e sentenciá-lo a esta vida espantosa.

É Elvira de Alvear escrevendo em cuidadosos cadernos um extenso romance, que no começo era composto de palavras e no fim de vagos traços indecifráveis.

É a mão de Norah esboçando o rosto de uma amiga que é também o de um anjo.

É uma espada que serviu nas guerras e que é menos uma arma que uma memória.

É uma insígnia desbotada ou um daguerreótipo gasto, coisas que são do tempo.

É o dia em que deixamos uma mulher e o dia em que uma mulher nos deixou.

É aquele arco da rua Bolívar do qual se divisa a Biblioteca.

E o aposento da Biblioteca onde descobrimos, por volta de 1957, a língua dos ásperos saxões, a língua da coragem e da tristeza.

É a sala contígua na qual morreu Paul Groussac.

É o último espelho que repetiu o rosto de meu pai.

É o rosto de Cristo que vi no pó, desfeito a marteladas, em uma das naves da Piedad.

É uma alta casa do Sul em que minha mulher e eu traduzimos Whitman, cujo grande eco oxalá reverbere nesta página.

É Lugones olhando pela janela do trem as formas que se perdem e pensando que já não lhe pesa o dever de traduzi-las para sempre em palavras, porque esta viagem será a derradeira.

É, na desabitada noite, certa esquina do Once na qual Macedonio Fernández, que morreu, continua me explicando que a morte é uma falácia.

Não quero prosseguir; estas coisas são excessivamente individuais, são excessivamente o que são, para serem também Buenos Aires.

Buenos Aires é a outra rua, a que não pisei nunca, é o secreto centro dos quarteirões, os pátios últimos, é o que as fachadas escondem, é meu inimigo, se o tenho, é a pessoa a quem meus versos desagradam (a mim também desagradam), é a modesta livraria em que por casualidade entramos e que esquecemos, é essa rajada de milonga silvada que não reconhecemos e que nos sensibiliza, é o que se perdeu e o que será, é o ulterior, o

alheio, o lateral, o bairro que não é teu nem meu, o que ignoramos e amamos.

Fragmentos de um evangelho apócrifo

3. Desventurado o pobre de espírito, porque sob a terra será o que agora é na terra.

4. Desventurado aquele que chora, porque já tem o hábito miserável do pranto.

5. Ditosos os que sabem que o sofrimento não é uma coroa de glória.

6. Não basta ser o último para ser alguma vez o primeiro.

7. Feliz aquele que não insiste em ter razão, porque ninguém a tem ou todos a têm.

8. Feliz aquele que perdoa aos outros e aquele que perdoa a si mesmo.

9. Bem-aventurados os mansos, porque não condescendem com a discórdia.

10. Bem-aventurados os que não têm fome de justiça, porque sabem que nossa sorte, adversa ou piedosa, é obra do acaso, que é inescrutável.

11. Bem-aventurados os misericordiosos, porque sua felicidade está no exercício da misericórdia e não na esperança de um prêmio.

12. Bem-aventurados os de puro coração, porque veem Deus.

13. Bem-aventurados os que padecem perseguição por causa da justiça, porque lhes importa mais a justiça que seu destino humano.

14. Ninguém é o sal da terra; ninguém, em algum momento de sua vida, não o é.

15. Que a luz de uma lâmpada se acenda, embora nenhum homem a veja. Deus a verá.

16. Não há mandamento que não possa ser infringido, e também os que digo e os que os profetas disseram.

17. Aquele que matar pela causa da justiça, ou pela causa que ele crê justa, não tem culpa.

18. Os atos dos homens não merecem nem o fogo nem os céus.

19. Não odeies teu inimigo, porque, se o fazes, és de algum modo seu escravo. Teu ódio nunca será melhor que tua paz.

20. Se te ofender tua mão direita, perdoa-a; és teu corpo e és tua alma, e é árduo, ou impossível, precisar a fronteira que os divide...

24. Não exageres o culto da verdade; não há homem que no fim de um dia não tenha mentido com razão muitas vezes.

25. Não jures, porque todo juramento é uma ênfase.

26. Resiste ao mal, mas sem assombro e sem ira. A quem te ferir na face direita, podes oferecer-lhe a outra, sempre que não te mova o temor.

27. Não falo de vinganças nem de perdões; o esquecimento é a única vingança e o único perdão.

28. Fazer o bem a teu inimigo pode ser obra de justiça e não é árduo; amá-lo, tarefa de anjos e não de homens.

29. Fazer o bem a teu inimigo é o melhor modo de agradar a tua vaidade.

30. Não acumules ouro na terra, porque o ouro é pai do ócio, e este, da tristeza e do tédio.

31. Pensa que os outros são justos ou o serão, e, se não é assim, não é teu o erro.

32. Deus é mais generoso que os homens e os medirá com outra medida.

33. Dá o santo aos cães, atira tuas pérolas aos porcos; o que importa é dar.

34. Procura pelo prazer de procurar, não pelo de encontrar...

39. A porta é a que escolhe, não o homem.

40. Não julgues a árvore por seus frutos nem o homem por suas obras; podem ser piores ou melhores.

41. Nada se edifica sobre a pedra, tudo sobre a areia, mas nosso dever é edificar como se fosse pedra a areia...

47. Feliz o pobre sem amargura ou o rico sem soberba.

48. Felizes os valentes, os que aceitam com ânimo semelhante a derrota ou os aplausos.

49. Felizes os que guardam na memória palavras de Virgílio ou de Cristo, porque estas darão luz a seus dias.

50. Felizes os amados e os amantes e os que podem prescindir do amor.

51. Felizes os felizes.

Lenda

Abel e Caim encontraram-se depois da morte de Abel. Caminhavam pelo deserto e reconheceram-se de longe, porque os dois eram muito altos. Os irmãos sentaram-se na terra, acenderam um fogo e comeram. Guardavam silêncio, à maneira das pessoas cansadas quando declina o dia. No céu assomava uma estrela que ainda não tinha recebido seu nome. À luz das chamas, Caim percebeu na testa de Abel a marca da pedra e deixou cair o pão que estava prestes a levar à boca e pediu que lhe fosse perdoado seu crime.

— Tu me mataste ou eu te matei?

Abel respondeu. — Já não me lembro; aqui estamos juntos como antes.

— Agora sei que me perdoaste de verdade — disse Caim —, porque esquecer é perdoar. Procurarei também esquecer.

— É assim mesmo — Abel falou devagar. — Enquanto dura o remorso, dura a culpa.

Uma oração

Minha boca pronunciou e pronunciará, milhares de vezes e nos dois idiomas que me são íntimos, o pai-nosso, mas só em parte o entendo. Hoje de manhã, dia primeiro de julho de 1969, quero tentar uma oração que seja pessoal, não herdada. Sei que se trata de uma tarefa que exige uma sinceridade mais que humana. É evidente, em primeiro lugar, que me está vedado pedir. Pedir que não anoiteçam meus olhos seria loucura; sei de milhares de pessoas que veem e que não são particularmente felizes, justas ou sábias. O processo do tempo é uma trama de efeitos e causas, de sorte que pedir qualquer mercê, por ínfima que seja, é pedir que se rompa um elo dessa trama de ferro, é pedir que já se tenha rompido. Ninguém merece tal milagre. Não posso suplicar que meus erros me sejam perdoados; o perdão é um ato alheio e só eu posso salvar-me. O perdão purifica o ofendido, não o ofensor, a quem quase não afeta. A liberdade de meu arbítrio é talvez ilusória, mas posso dar ou sonhar que dou. Posso dar a coragem, que não tenho; posso dar a esperança, que não está em mim; posso ensinar a vontade de aprender o que pouco sei ou entrevejo. Quero ser lembrado menos como poeta que como amigo; que alguém repita uma cadência de Dunbar ou de Frost ou do homem que viu à meia-noite a árvore que sangra, a Cruz, e pense que pela primeira vez a ouviu de meus lábios. O restante não me importa; espero que o esquecimento não demore. Desconhecemos os desígnios do universo, mas sabemos que raciocinar com lucidez e agir com justiça é ajudar esses desígnios, que não nos serão revelados.

Quero morrer completamente; quero morrer com este companheiro, meu corpo.

His end and his beginning

Cumprida a agonia, já só, já só e alquebrado e rejeitado, mergulhou no sono. Quando acordou, aguardavam-no os hábitos cotidianos e os lugares; disse a si mesmo que não devia pensar demasiado na noite anterior e, alentado por essa vontade, vestiu-se sem pressa. No escritório, cumpriu mais ou menos seus deveres, embora com essa incômoda impressão de repetir algo já feito que nos dá o cansaço. Percebeu que os outros desviavam o olhar; talvez já soubessem que estava morto. Nessa noite começaram os pesadelos; não lhe deixavam a menor lembrança, apenas o temor de que voltassem. Com o tempo o temor prevaleceu; interpunha-se entre ele e a página que devia escrever ou o livro que tentava ler. As letras formigavam e pululavam; os rostos, os rostos familiares, iam diluindo-se; as coisas e os homens foram deixando-o. Sua mente aferrou-se a essas formas mutantes, como em um frenesi de tenacidade.

Por estranho que pareça, nunca suspeitou a verdade; esta o iluminou de repente. Compreendeu que não podia lembrar-se das formas, dos sons e das cores dos sonhos; não havia formas, cores nem sons, e não eram sonhos. Eram sua realidade, uma realidade além do silêncio e da visão e, por conseguinte, da memória. Isso o consternou mais que o fato de que, a partir da hora de sua morte, tinha estado lutando em um redemoinho de insensatas imagens. As vozes que ouvira eram ecos; os rostos, máscaras; os dedos de sua mão eram sombras, vagas e insubstanciais sem dúvida, mas também amadas e conhecidas.

De algum modo sentiu que seu dever era deixar para trás essas coisas; agora pertencia a este novo mundo,

livre de passado, de presente e de futuro.

Aos poucos este mundo o circundou. Padeceu muitas agonias, atravessou regiões de desespero e de solidão. Essas peregrinações eram atrozes, porque transcendiam a todas as suas anteriores percepções, memórias e esperanças.

Todo o horror jazia em sua novidade e esplendor. Merecera a Graça, desde sua morte estivera sempre no céu.

Um leitor

Que outros se jactem das páginas que escreveram;
a mim me orgulham as que li.
Não fui um filólogo,
não pesquisei as declinações, os modos, a laboriosa
mutação das letras, o *de* que se endurece em *te*, a equivalência do *ge* e do *ka*,
mas ao longo de meus anos tenho professado
a paixão da linguagem.
Minhas noites estão cheias de Virgílio;
ter sabido e ter esquecido o latim
é uma possessão, porque o esquecimento
é uma das formas da memória, seu impreciso porão,
o outro lado secreto da moeda.
Quando em meus olhos se apagaram
as vãs aparências amadas,
os rostos e a página,
entreguei-me ao estudo da linguagem de ferro
que usaram meus antepassados para cantar
espadas e solidões,
e agora, através de sete séculos,
desde a Última Tule,
tua voz me alcança, Snorri Sturluson.
O jovem, ante o livro, impõe-se uma disciplina precisa
e o faz em busca de um conhecimento preciso;
em minha idade, toda tarefa é uma aventura
que limita com a noite.
Não acabarei de decifrar as antigas línguas do Norte,
não afundarei as mãos ávidas no ouro de Sigurd;
a tarefa que empreendo é ilimitada
e há de acompanhar-me até o fim,
não menos misteriosa que o universo
e que eu, o aprendiz.

Elogio da sombra

A velhice (tal é o nome que os outros lhe dão)
pode ser o tempo de nossa felicidade.
O animal morreu ou quase morreu.
Restam o homem e sua alma.
Vivo entre formas luminosas e vagas
que não são ainda a escuridão.
Buenos Aires,
que antes se espalhava em subúrbios
em direção à planície incessante,
voltou a ser La Recoleta, o Retiro,
as imprecisas ruas do Once
e as precárias casas velhas
que ainda chamamos o Sul.
Sempre em minha vida foram demasiadas as coisas;
Demócrito de Abdera arrancou os próprios olhos para pensar;
o tempo foi meu Demócrito.
Esta penumbra é lenta e não dói;
flui por um manso declive
e se parece à eternidade.
Meus amigos não têm rosto,
as mulheres são aquilo que foram há tantos anos,
as esquinas podem ser outras,
não há letras nas páginas dos livros.
Tudo isso deveria atemorizar-me,
mas é um deleite, um retorno.
Das gerações dos textos que há na terra
só terei lido uns poucos,
os que continuo lendo na memória,
lendo e transformando.
Do Sul, do Leste, do Oeste, do Norte
convergem os caminhos que me trouxeram

a meu secreto centro.
Esses caminhos foram ecos e passos,
mulheres, homens, agonias, ressurreições,
dias e noites, entressonhos e sonhos,
cada ínfimo instante do ontem
e dos ontens do mundo,
a firme espada do dinamarquês e a lua do persa,
os atos dos mortos,
o compartilhado amor, as palavras,
Emerson e a neve e tantas coisas.
Agora posso esquecê-las. Chego a meu centro,
a minha álgebra e minha chave,
a meu espelho.
Breve saberei quem sou.

FIM

DIGITAL Source
Viciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks